



OS SATERÉ-MAWÉ PELAS VIAS DA PESQUISA CIENTÍFICA: TESSITURAS POSSÍVEIS

Solange Pereira do Nascimento¹ and Iraildes Caldas Torres²

¹ Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas. Doutora Adjunta da Universidade do Estado do Amazonas.

² Pós-Doutorado pela UniversitéLumière de Lyon 2 – France. Professora Associada I da Universidade Federal do Amazonas.

ABSTRACT

The present study aims to present the Sateré-Mawé people along the paths of the scientific path in a constant dialogue with the field of research, leaving our ears at ease to hear their voices as proposed by Bourdieu in his book entitled The Misery of the World. We hear women and men from the perspective of Mormon dialogues. They are possible tessituras where each look turns to a specific aspect of the life of this people who in the midst of their struggles are always ready to invite us to drink the sakpó of life together with them and for immemorial times to make the great trip that in the bowels of an indistinct and new time that only the heart beyond reason possesses the key of openness. For this scenario of navigable, sometimes raging waters between rains and sunny days, which we construct from multiplicity of complex conceptual structures, many of them superimposed or tied to each other, our research objects which may appear simultaneously strange, irregular and sometimes inexplicit

KEYWORDS: Sateré-Mawé, Science, Amazon.

1 INTRODUÇÃO

Amazônia, terra das águas e das matas. Em tuas florestas saltitam os pés daqueles que te conhecem como a palma da mão, os indígenas, donos destas terras. Em tuas águas navegam estes nativos que facilmente se entranham em ti e se entregam a teus encantos engolfados por banzeiros sedutores. Lugar de seres encantados e encantadores por aquilo que são e pelo que acreditam. Espaço de magia onde o invisível se mostra e se retrai numa doce e saudável embriaguez, que nos permite fazer a grande viagem pelo tempo e pelo não-tempo de sua gente. No interior de suas matas ainda intocadas pela mão do “civilizador”, mulheres, homens e natureza se escondem ao mesmo tempo em que se mostram, permitindo-nos entrar e partilhar de seus saberes.



Nesse lugar de encantos naturais, o silêncio é o grande mestre-guia do pensamento que se deixa conduzir suavemente pelo rio das esmeraldas, o Andirá, portão aberto de duas culturas: o mundo dos brancos e a Terra Indígena Sateré-Mawé. No abrir-se e fechar-se de sua forma geográfica, céu e terra se tocam no horizonte de nosso olhar como se num dado momento fosse difícil distinguir uma realidade da outra. Caminhos infundáveis para o pensamento que a partir do que se vê, busca o que não vê, sabendo o que encontrou.

Por essas águas ora calmas, ora agitadas pelo vento, empreendemos nossa viagem em busca do desconhecido. Neste encontro de múltiplas alteridades que se dá primeiramente com a pujante natureza amazônica com seus rios, matas e animais, sentimo-nos plenamente extasiados, pois as trilhas, que seguimos por sobre o tapete verde do Andirá refletido no espelho de suas águas, elevam a alma do viajante ávido de conhecimento.

Foi neste cenário de águas navegáveis, por vezes bravias entre chuvas e dias ensolarados, que construímos o objeto de nosso estudo, cuja etnografia do campo de pesquisa buscamos apresentar aqui. Como recomenda Geertz (1989, p. 7), tal trabalho consiste em “uma descrição densa, que envolve o etnógrafo numa multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicitas”.

O trabalho de campo não se limita a ver e registrar o que é captado pelo olhar, mas ir além do fenômeno das percepções e impressões que estão entremeadas na vida e nas coisas dos sujeitos, a forma como foram pensadas e elaboradas tecnicamente por eles e por que são deste ou daquele modo. Geertz (1989, p.7) chama a atenção para o fato de que “fazer etnografia é como ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado”. Trabalho que muitas vezes precisa ser apreendido para ser apresentado, pois a inconstância do tempo e das coisas num constante devir impõe pensar sobre elas somente no presente¹.

As supressões marcadas pela memória e o advento de novos saberes que envolvem a vida desses sujeitos se configuram na complexa atividade do pensamento para conhecer a vida do povo Mawé, a partir de suas histórias e de seu arcabouço mitológico rico em expressão cultural que se põe não somente no âmbito da materialidade e reprodução da existência, mas que atua também no aspecto do fluxo dinâmico de suas vidas. Trata-se de um povo hospitaleiro e acolhedor que abriu as portas de suas casas para a nossa pesquisa, neste grandioso rio da serpente verde, o Andirá.

A serpente verde presente na imagem da grande canoa, quer sugerir o encontro com o Outro que comporta uma significação própria e singularizante. Este Outro, como assinala Lévinas (1993), não nos vem somente a partir do contexto, mas é também rosto que se impõe sem que se possa permanecer surdo a seu apelo ou esquecê-lo. Sua presença é uma ordem irrecusável, uma “intimação” que se delinea no sentido do próprio existir. É o rosto que interpela, que desperta a consciência inebriada pelos afazeres da vida e que, numa dimensão profundamente ética, lança-nos para o infinito. O encontro com o outro ultrapassa os limites fronteiriços de cor, credo ou cultura. O outro presente no rosto que se mostra a mim é sempre uma possibilidade de algo que toca e transforma a quem se permite sair do egoísmo. Uma vez que nos permitimos encontrá-lo, também devemos nos permitir sermos tocados por ele.

Os Sateré-Mawé são um povo indígena heterogêneo, originado do tronco Tupi, pertencente à etnia Tupi-Guarani. Estão organizados e divididos em cinco clãs tribais: Sateré, o clã principal e detentor dos direitos políticos do povo; Napu’wany’ã, o clã agricultor; Koreriwá, o clã caçador; Watunriá, o clã pescador e Hwariá, o clã guerreiro. Além desses cinco, há outros clãs menos importantes pertencentes a cada clã principal: o Awi’á, clã das abelhas, o Wasai, o Ga’ap, o Mói, o Waraná, o Maraguá (independente) e o Hamaut.

Eles se definem como Sateré-Mawé, que é o clã mais nobre considerado o clã dos tuxauas (chefes das tribos). O nome sateré significa lagarta de fogo e mawé significa papagaio falante (UGGÉ, 1991). Esta simbologia contribuiu para dar um tom popular a esse povo que pertence ao tronco linguístico Tupi-Guarani.

Os Sateré-Mawé habitam uma larga faixa de fronteira situada entre os Estados do Amazonas e do Pará, numa região conhecida como Mawézia, a pátria dos mawé. Seu território reconhecido pelo Estado

¹ Quando nos referimos ao presente, pensamos a partir da categoria de tempo agostiniano no qual o passado já não existe, porque passou; o futuro é apenas uma expectativa do que ainda não ocorreu e o presente apenas o dado momento da experiência vivida. Cf. Agostinho (1984).

brasileiro, com cerca de 788.528 hectares e perímetro de 477,7 km, abrange os municípios de Maués, Parintins e Barreirinha, no Amazonas e ainda os municípios de Itaituba e Aveiro, no Estado do Pará (TEIXEIRA, 2005) e localiza-se a leste da segunda maior ilha fluvial do mundo: a ilha Tupinambarana, berço de sua civilização. Atualmente eles ocupam somente um terço da Terra Indígena Andirá-Marau, nos confins do território original. Boa parte de suas terras são divididas com o povo Munduruku.

Ao todo, formam uma população de aproximadamente 13.310 pessoas, sendo 11.060 em terras indígenas e 2.250 em outras localidades, de acordo com os dados do IBGE (2010)². Muitos vivem nas cidades de Parintins, Maués, Barreirinha, Iranduba e Manaus.

Dentro ou fora da Terra Indígena, os Sateré-Mawé continuam empreendendo sua longa viagem em busca da Terra sem Males, herança dos Tupinambá, assim como muitos homens e mulheres em busca de seu destino, vivendo a partir de suas crenças míticas e tradições ancestrais.

Os Sateré-Mawé desde a sua origem são conhecidos como povo que sempre empreendeu grandes viagens. Motivados para encontrar a Terra sem Males, conhecida como Mawézia, estão em constante deslocamento. O primeiro contato deles com as missões do Andirá ocorreu por intermédio dos jesuítas João Maria, no rio Tapajós, e Antônio da Fonseca, em 1661. Eles cultivavam o guaraná e teciam algodão (UGGÉ, 1997). Em 1698, Padre João Valladão, recém-chegado de Portugal, foi enviado como missionário para o Andirá: Terras bem difíceis de serem encontradas naquele momento, e que, segundo estudos de Uggé (1991), eram terras boas e muito produtivas.

As condições favoráveis da terra e o número cada vez maior de pessoas e a aproximação com os karaiúá³ talvez os tenha levado de fato a se fixarem definitivamente na área a qual hoje está demarcada, como sendo território Sateré-Mawé, na região do Tapajós-Madeira, na divisa do Pará com o Amazonas. A sedentarização propiciou a reconstrução de suas vidas através da agricultura e da criação de animais. Hoje, cada família cultiva sua roça da qual advém o seu sustento básico, alguns dentre eles cuidam de animais como vacas, porcos, galinhas, dentre outros que ajudam a prover uma culinária diversificada.

É comum também o cultivo de algumas hortaliças nos quintais da casa, embora não seja um hábito de todos. Esses costumes têm muitas variações de um rio para o outro ou entre as comunidades. Percebemos que no Andirá a criação de animais domésticos é uma prática mais comum e constante do que no rio Marau, que conhecemos de outras andanças pelos caminhos da pesquisa.

Todo o seu modo de pensar e de se relacionar com a terra e com os animais tem raízes no tempo primordial em que não havia distinção entre a natureza e o ser humano. Com base no mito, podemos compreender melhor a história dos mawé em seus aspectos éticos, morais, religiosos, políticos e sociais. Para Campbell (1992, p. 57), “a mitologia é uma transmissão das formas pelo qual a forma-das-formas sem forma pode ser conhecida”, porque apreendida pela razão como ser existente e sempre presente.

Podemos considerar este árduo trabalho de pesquisa como uma grande teia de aranha que vai sendo construída aos poucos. Os fios são conectados uns aos outros ao ponto de não sabermos qual a ponta inicial que gerou o seu encadeamento. Agora, com efeito, convém situarmos que as informações sobre a cultura sateré-mawé trazidas até nós por viajantes, missionários e cronistas são de suma importância para situarmos nosso objeto de pesquisa na direção do feminino da etnia Sateré.

A diversidade de olhares da alma intuitiva permite aproximar-nos deste rico manancial de histórias e simbolismos, arcabouço cultural e de sabedoria do povo mawé, não como os primeiros viajantes, mas com o intuito de continuarmos a escrever a história desse povo, em que eles mesmos são os grandes protagonistas dessas novas páginas.

Com este olhar atento como afirma Chauí (1988, p. 33), “poderoso, capaz de despir, devorar e matar. Não é o olhar alheio fonte de alienação. É sedutor e seduzido. Se faz de nós para fora; olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si” e nesta perspectiva do olhar, Nunes Pereira,

²<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias>. Acesso em 29/12/2013.

³ Nome dado pelos índios Sateré-Mawé ao homem branco.

como um dos primeiros a falar sobre o povo mawé, parece ter captado as características e os aspectos da cultura sateré-mawé com profundidade, haja vista as sutilezas de uma análise rica e minuciosa.

O despir é também retirar o véu do simulacro que de alguma maneira encobre a realidade disfarçada em suas mais diferentes formas. Tornar desnudo, ainda que não seja suficiente porque o olhar quer ir além, quer devorar.

Nunes Pereira foi um dos primeiros etnólogos do século XX, escreve o seu livro *Os índios Maués* nos anos 1940, a partir de uma etnologia densa. Deixou-se seduzir e ser seduzido pela cultura sateré-mawé. Ao olhar para o povo, Nunes não registrou só o que seus olhos e ouvidos foram capazes de sentir, e sim, fez a experiência daquele que, a partir deste contato, encontrou seu próprio mito, posto que “o mito não é uma informação qualquer, mas ‘*une co-naissance*’, conjugação entre uma e-vidência de fora e uma in-vidência de dentro” (GUSDORF, 1993, p.779).

Um outro olhar que não é do etnólogo ou do pesquisador propriamente dito e sim do evangelizador pela sua condição de sacerdote católico é o de Enrico Uggé (73 anos). Possui sensibilidade artística, profunda. Pintor de figuras sacras que decoram igrejas no Baixo Amazonas, cujo olhar foi cultivado na reflexão e no contato com os próprios índios há mais de 40 anos.

No seu livro *As bonitas histórias Sateré-Mawé (1997)*, ele dá voz aos sujeitos com os quais conviveu em tempos passados e com os quais ainda convive até hoje. Ele revela que “os sateré-mawé têm um olhar pesaroso e triste”⁴ (entrevista, 2013). O cuidar, o zelar e o guardar são os princípios fundamentais daquele que se põe à disposição para dialogar com o outro, num relacionamento de respeito próprio daqueles que ao serem interpelados, lançam-se na aventura do compartilhar de si e das coisas em que acreditam.

Ser interpelado e deixar-se interpelar (LÉVINAS,1993) está para além de perceber o objeto de investigação apenas como objeto. Esse olhar que Enrico Uggé percebe como pesaroso e triste⁵ talvez seja a manifestação da ‘janela da alma’ que são os olhos, nos quais transparecem lembranças tristes de um passado de violências que a etnia viveu no confronto entre eles mesmos e com outros povos, ou o olhar “de quem procura, de quem está buscando algo que ainda não encontrou” (UGGÉ, entrevista, 2013).

Com espírito de ciência, Sônia Lorenz revela ao mundo, como pesquisadora, os “filhos do guaraná” (1992), um trabalho de investigação realizado no rio Marau junto a homens e mulheres da comunidade Santa Maria do Urupadi.

O livro dessa autora retrata a vida do povo Sateré-Mawé e as tênues relações dele com a sociedade envolvente a partir do comércio do guaraná e dos serviços básicos que foram sendo reivindicados junto ao poder público como: saúde, educação, luta por direitos dentre outros. Em linhas gerais, ela traça os meandros dos relacionamentos que foram se estabelecendo com a sociedade contemporânea e com o Estado brasileiro, a problemática trazida nesse processo de encontro. Envolvida por este olhar que ao mesmo tempo que seduz é seduzido, como diz Chauí (1988), Sônia Lorenz apresenta a etnia mawé através do seu livro *Filhos do Guaraná*.

Nessa obra, ela faz referência ao guaraná que se transforma em sakpó pelas mãos de uma mulher e se derrama por sobre o patavi, gerando vida para o povo mawé tal qual anunciado no mito de origem por Uniãwuãsap’i – a mãe mítica. Segue pelos meandros do trabalho que permeia a vida dos Mawé e apresenta as conquistas desse povo como resultado das atividades que decorrem da plantação desse fruto, para a economia de subsistência das comunidades.

Outra estudiosa da temática sateré-mawé é Iraildes Caldas Torres⁶, que há mais de uma década desenvolve pesquisa entre as mulheres indígenas Sateré-Mawé nas comunidades dos rios Marau e Andirá. A

⁴ É provável que isto esteja relacionado, segundo Orivaldo Costa (entrevista, 2014), ao fato de os Mawé nunca terem se perdoado por haverem assassinado o chefe dos Munduruku. Esse fato marcou muito negativamente a etnia e até hoje eles se sentem culpados por isso.

⁵ Ver a este respeito o trabalho de Torres (2015)

⁶ Iraildes Caldas Torres é pós-graduada em Antropologia Social pela PUC/SP, professora da Universidade Federal do Amazonas e pesquisadora sobre gênero na Amazônia. Desenvolve pesquisa na região do rio Andirá sobre o princípio

autora organizou uma coletânea⁷ sobre esta etnia, a partir de pesquisa realizada nas comunidades Santa Maria do Urupadi, no rio Marau, município de Maués e em Molongotuba, no rio Andirá, município de Barreirinha. Em um dos capítulos, a autora analisa a relação da mulher com a tucandeira e aponta os silêncios e exclusão etnológica como uma realidade vivida pelas mulheres indígenas de modo geral, e também sobre o significado mitopoético da virilidade como expressão do masculino.

Num segundo momento, realiza um sobrevoo sobre as comunidades de Molongotuba e Santa Maria do Urupadi, fazendo uma análise histórica dos processos sociais de sua gente numa dimensão etnográfica. Discute não apenas a violência doméstica e seus enfrentamentos como também analisa os intensos deslocamentos dos Sateré-Mawé para outros lugares dentro da área indígena ou para zona urbana. Nas duas últimas partes do livro, aparecem os temas dos deslocamentos e desterritorialização do povo Sateré-Mawé com ênfase no cotidiano das mulheres. Trata-se de um zoneamento etnográfico destas duas comunidades indígenas, revelando aspectos importantes da cultura desse povo.

O terreno pelo qual principiamos é novo e elipsado pela memória. Essas pesquisas vêm contribuir para a compreensão da cultura deste povo que não se rende ao tempo e às intempéries da vida. Em relação ao princípio feminino sateré-mawé, Iraildes Caldas Torres trava em seu novo trabalho⁸, especialmente elaborado para falar sobre as raízes constitutivas do universo da mulher sateré-mawé, numa linguagem poética, tecendo fios relacionais com elementos da natureza, num diálogo profundo com o campo de pesquisa.

A beleza estética do texto registra o entrelaçamento entre *teoresise empiria*, num amplo discurso de base complexa que tem na filosofia sua âncora de reflexão. O trabalho se torna inovador na medida em que a autora consegue estabelecer conexões para apresentar a ontologia dessas mulheres indígenas que se situam na medula do mito fundador, cuja potência feminina constitui-se no elemento central da vida da etnia. O olhar da autora transcende a aparência visível e nos revela o invisível, como enfatiza Merleau-Ponty (2012).

Outras leituras recentes também apresentam o mundo feminino mawé pelos veios do protagonismo social e político. Em 2013, escrevi o livro *Baku uma tuxaua na Amazônia*, fruto de minha dissertação de mestrado, apresentando a vida de Zenilda da Silva Freitas, moradora da comunidade Ponta Alegre, no Andirá que, por volta dos anos 70, saiu da Terra Indígena e se deslocou para Manaus com outros membros de sua família, fundando anos mais tarde a comunidade Sahu-apé, localizada na fronteira entre os municípios de Iranduba e Manacapuru, ao longo da Estrada Manoel Urbano Km 39.

O livro traça aspectos importantes desse itinerário, tecendo os fios da cultura sateré-mawé com as relações de gênero e as relações de poder numa perspectiva complexa de diálogo com a etnologia. Na sequência, apresentei a formação social desta nova comunidade e de seus membros que culmina com o espírito protagonista da grande líder e matriarca do grupo, Baku, discutindo suas crenças, seus rituais enquanto xamã de um grupo que a reconhece como tuxaua e ao mesmo tempo mãe. O texto evidencia as relações sociais de gênero, tendo por base os relatos da própria tuxaua que se situa numa urdidura híbrida entre o rural e o urbano, não sendo mais somente indígena.

Outro autor da temática sateré-mawé é Wagner dos Reis Marques Araújo, que desenvolveu a sua pesquisa de mestrado, em 2010, investigando duas irmãs: Zenilda da Silva Vilácio (Arurú) e Zeila Carvalho Vieira (Kutera), nascidas na comunidade Ponta Alegre e que seguiram em deslocamento da Terra Indígena para Manaus, como fez sua irmã Zelinda Freitas, a tuxaua Baku.

O autor segue em trilhas conceituais dos estudos de gênero na Amazônia, buscando reconstruir fragmentos das histórias de vida e de trabalho das mulheres da etnia Sateré-Mawé, detendo-se,

feminino sateré-mawé em seus estudos de pós-doutoramento, realizados na Université Lumière de Lyon, France, berço de Rousseau e das teorias iluministas francesas.

⁷ Mulheres Sateré-Mawé, a epifania de seu povo e suas práticas sociais, Manaus: Valer, 2014.

⁸ Paper monográfico de Pós-doutoramento apresentado ao centre de Recherche et Étude Antropologiques-CREA da Université Lumière de Lyon 2, France, 2015 (mimeo).

especialmente, na compreensão dessas duas grandes mulheres. O estudo problematiza as situações a que foram submetidas quando deixaram para trás suas comunidades tradicionais, localizadas na Terra Indígena Andirá-Marau, inserindo-se no trabalho doméstico em Manaus, capital do Estado do Amazonas. Revela elementos da identidade das mulheres sateré-mawé que são submergidas nas relações de trabalho.

Uma outra pesquisa de mestrado sobre o tema das mulheres sateré-mawé é de Milena Fernandes Barroso, concluída em 2011, a qual traz o recorte da violência doméstica no contexto sateré-mawé. Sua pesquisa identificou o significado e os tipos de violência que atingem as mulheres, situando a trajetória de quem vivenciou esse sofrimento que marca profundamente o ser mulher, seja indígena ou não.

Para a autora, a violência contra as mulheres indígenas “tem-se configurado como uma expressão da questão social de extrema gravidade a ponto de as mulheres indígenas engendram estratégias para seu enfrentamento” (BARROSO, 2011, p. 8).

No percurso de seus estudos, a autora analisa o contexto sociocultural dos Sateré-Mawé e utiliza o conceito de gênero para analisar as relações entre homens e mulheres, assim como suas relações com a natureza, com o espaço, com as instituições sociais dentre outros. Examina o tema da violência doméstica e reconstitui a história de três mulheres da comunidade Molongotuba no enfrentamento da agressão, apresentando as decisões e ações empreendidas pelas próprias mulheres da comunidade Umirituba, apontando respostas tanto no âmbito familiar quanto comunitário para conter esses casos.

A pesquisadora problematiza os aparatos jurídicos da Lei Maria da Penha como inviável para o contexto indígena e identifica estratégias locais, revelando a limitação dos marcadores jurídicos do direito para tratar a violência no contexto indígena. Trata-se de uma ferramenta documental que poderá contribuir para a elaboração de políticas públicas pensadas pelas mulheres indígenas, a partir de suas necessidades individuais e coletivas.

Pensar a realidade de homens e mulheres e suas conexidades com o lugar em que estão inseridos e com a terra em sua dimensão antropocósmica (SELVAGGI, 1988) é fazer entrelaçamentos no processo de construção de um meta ponto de vista sobre a vida, a terra, o cosmos, as humanidades, o conhecimento, as artes, as culturas (MORIN, 2011) no intuito de que, a partir dessas novas contribuições, outros conhecimentos emergem da razão, numa superação da ruptura entre razão e desrazão, na tentativa de suplantar o cartesianismo científico presente nas instituições e na academia.

Estes últimos quatro trabalhos retromencionados trazem para a grande discussão a situação da mulher mawé que ora aparece como protagonista e senhora do seu destino, ainda um tanto invisibilizada dentro e fora da área indígena no que tange ao aspecto político, ora agredida no seu corpo, como numa ação de violência doméstica.

Em entrevista com a senhora Carmita Costa (44 anos), da comunidade Simão, ela afirma que o valor da mulher mawé está presente no sakpó, pois “sem o sakpó não há reunião, porque o sakpó é o chefe comandado pela mulher” (entrevista, 2015). Quando a senhora Carmita faz alusão ao sakpó, ela está se referindo às crenças míticas do seu povo que se constituem como sentido de sua existência. O sakpó, como veremos mais adiante, não é somente uma bebida produzida a partir do guaraná, mas carrega em si um aspecto revelador da hierofaniateogônica dos mawé.

Atentemos para o fato de que todas estas pesquisas que, por um olhar ou por outro, revelam o universo no qual essas mulheres transitam não estão desconectadas umas das outras, mas interligadas, interrelacionadas como um grande rizoma (DELEUZE e GUATTARI, 2011), que espalha suas raízes de forma horizontal como um grande e único tapete por sob a terra.

Outros estudos que trazem o discurso sobre os Sateré-Mawé são os de Luciano Cardenes Santos (2010), em sua dissertação de mestrado sobre a comunidade Sahu-apé, localizada no município de Iranduba, Amazonas, região metropolitana de Manaus. Em seu estudo, o autor aborda o tema do turismo em terras indígenas, a partir da análise das políticas de turismo elaboradas no âmbito do Estado brasileiro.

Em sua abordagem teórica, o autor elegeu como foco de análise as políticas voltadas ao desenvolvimento do turismo na Amazônia junto aos povos indígenas da região, identificando como agentes principais o SPVA (Serviço de Proteção e Vigilância na Amazônia), a SUDAM (Superintendência do

Desenvolvimento da Amazônia), os Mistérios do Turismo e Meio Ambiente e a FUNAI (Fundação Nacional do Índio).

Na perspectiva de compreender o campo político no qual estas relações de poder se estabelecem entre o indígena e o indigenista, o autor apresenta posicionamentos de conferências dos povos indígenas sobre a temática e sua relação com a sociedade não indígena. A reflexão central deste estudo se concentra na comunidade Sahu-apé, da etnia Sateré-Mawé, por tratar-se de uma comunidade formada a partir de uma família extensa, liderada pela tuxaua Baku e que na busca de sobrevivência na cidade grande adotou, como estratégia própria de política desenvolvimentista, a gestão do turismo numa perspectiva étnica.

Um outro autor que retrata a vida do povo sateré-mawé por dentro de uma pesquisa de cunho quanti-qualitativo é Pery Teixeira (2005), em seu livro *Sateré-Mawé retrato de um povo indígena*, no qual o autor apresenta um diagnóstico sócio demográfico participativo da população Sateré-Mawé, objetivando conhecer as condições de vida e de sustentabilidade dos povos indígenas da Amazônia brasileira, em especial o Estado do Amazonas.

Neste estudo, Pery Teixeira teceu, junto com uma equipe multidisciplinar, a metodologia de um trabalho que não apresenta somente o olhar do pesquisador sobre a realidade e sim muitos olhares sobre a mesma realidade, na tentativa de retratar com maior nitidez possível a vida do povo mawé na Terra Indígena Andirá-Marau.

A riqueza do livro está expressa nas palavras de Jecinaldo Cabral, que afirma:

como índio Sateré-Mawé, quero dizer que não realizamos este trabalho para contar cada um de nós e conferir quantos somos. Com este diagnóstico, oferecemos à sociedade e aos governos municipais, estaduais e federal os dados concretos e necessários para que possamos juntos planejar o dia de amanhã do povo sateré-mawé (In: TEXEIRA, 2005, p.149).

Esta fala do índio Jecinaldo mostra a importância de conhecermos as terras indígenas e nos aproximarmos do seu povo, não na condição de tutelados e por isso menores enquanto sujeitos (DELEUZE e GUATARRI, 2002), mas na dimensão de sujeitos engajados e comprometidos na luta por mudanças políticas no âmbito indígena e do indigenismo, para que juntos possam defender a causa dos povos indígenas no Brasil, com direitos e deveres garantidos.

Chegando ao fim de nossa exposição por uma literatura sobre os sateré-mawé, queremos apresentar o trabalho de Mário Geraldo Rocha da Fonseca, tese de doutorado, que lança uma mirada selvagem na literatura brasileira de maneira primorosa que, com base nas suas andanças pelo mundo indígena, a partir de desvios (BENJAMIN, 2007), revela com fina etnopoiesia a cobra transvestida na figura dos grandes rios da Amazônia que, por onde passa desperta o novo, seja a partir das experiências concretas do cotidiano, seja pelo imaginário com suas narrativas ricas e simbólicas, marcando o *ethos* deste povo que habita a floresta. “A cobra toma dimensão de um personagem que vai percorrer (mapa, história), analisar (teoria, método) e dialogar com o cânone literário indigenista e com suas conversões contemporâneas” (FONSECA, 2013, p. 8). O autor navega nas águas amazônicas no compasso da antropologia literária e se coloca nas sendas abertas da filosofia “selvagem” em diálogo com Derrida, Agamben, Nietzsche, Benjamin, Deleuze, Guatarri dentre outros.

Ainda que de forma breve tenhamos apresentado a cultura sateré-mawé por dentro de sua história, contextualizando o lugar onde esses indígenas vivem, num diálogo com autores estudiosos desta etnia, surpreende-nos o olhar diferente de cada um destes autores. São muitas as brechas que nos fazem desviar (BENJAMIN, 2007) de forma intencional (HUSSERL, 1990), num processo de metamorfose (MORIN, 2011), para fazermos emergir o novo que “retumba e arrepia” (TORRES, 2015), proporcionando-nos tecer novos conhecimentos.

Deve-se reconhecer a existência de um significativo acervo sobre este povo somado a escritos deles mesmos, como é o caso de YamãYaguaré – *O livro Sagrado do povo Sateré-Mawé*. Buscamos assim, despertar no leitor o desejo em conhecer o povo mawé, que está sempre aberto ao diálogo e que traz para os estudos acadêmicos, especialmente na área da mitologia uma riqueza cultural-simbólica muito densa e profunda. Temos a consciência de que tudo o que foi dito sobre eles continua em aberto, pois o mito que

move suas vidas é dotado de poderosa coerência interior, tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de autonomia.

Assim entendemos que o campo de pesquisa é um outro de possibilidades que se interpõe no caminho do pesquisador, possibilitando inúmeras leituras possíveis à medida que as relações de diálogo se estreitam e se conectam. Olhar para o campo e nele mergulhar não significa abarcá-lo em sua inteireza, senão direcionar o olhar para uma única direção com objetividade de pensamento.

Bourdieu (2007) sugere que devemos perceber o objeto em seu conjunto e não isolado, o que vem se somar à percepção do olhar sobre o objeto (GEERTZ, 1989) que nem sempre é nítido porque, desgastado pelo tempo, requer cuidado ao ser analisado, por guardar em si verdades que se escondem por trás da aparência. Falar das margens e do conjunto do lugar é, para o pesquisador, um trabalho desafiador, porque o obriga a direcionar o seu olhar para perceber o todo e não somente esta ou aquela situação.

A experiência do campo é singularmente marcante e encantadora. O olhar do observador nunca conseguirá captar todos os objetos, todos os fenômenos, sejam eles materiais ou imateriais. O campo é uma vastidão de significados e significantes que não se deixa apreender num único sentido. Esta pluralidade simbólica presente no dia a dia dessa gente revela um universo escondido por trás de suas margens que precisa ser mostrado pela grandeza de um povo que, aberto ao diálogo, não nos priva de sua sabedoria.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Wagner dos R. Marques. **Das margens dos rios à margem da sociedade: trajetórias de mulheres Sateré-Mawé no trabalho doméstico em Manaus - AM**. Dissertação de Mestrado Apresentado ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, Manaus: Ufam, 2010.
- BARROSO, Milena Fernandes. **Rotas críticas das Mulheres Sateré-Mawé no enfrentamento da violência doméstica: novos marcadores de gênero no contexto indígena**. Dissertação de Mestrado Apresentado ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, Manaus: Ufam, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Traduzido por Cleunice Maria Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Traduzido por: Mateus S. Soares Azevedo (et al), Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- CAMPBELL, Joseph. **As máscaras de Deus (Vol. I)** Traduzido por Carmem Fischer. São Paulo: Palas Athena, 1992.
- CHAUÍ, Marilena. **Janela da alma, espelho do mundo**. In: O olhar, Adauto Novaes et. Al. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2**. Traduzido por Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.
- FONSECA, Mário Geraldo R. **A cobra e os poetas: uma mirada selvagem na literatura brasileira**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2013.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Editora LTC. Rio de Janeiro: 1989.
- GUSDORF, George. **Le Romantisme I e II**. Paris: Editora Payot & Rivages, 1993
- HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Traduzido por Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1990.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Traduzido por José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Traduzido por Pergentino S. Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1993.
- LORENZ, Sônia da S. **Sateré-Mawé: os filhos do guaraná**. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1992.
- MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade**. Traduzido por Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perasso Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- NASCIMENTO, Solange P. **Baku uma tuxaua na Amazônia**. Manaus: Edua, 2013.
- PEREIRA, Nunes. **Os índios maués**. Rio de Janeiro: editora Valer e Governo do Estado Amazonas, 2003.

-
- SANTOS, Luciano Cardenes. **Sahu-apé e o turismo em terras e comunidades indígenas**. Manaus: UFAM/Museu Amazônico, 2010.
- SELVAGGI, Filippo. **Filosofia do Mundo: cosmologia filosófica**. Traduzido por Alexander A. McIntyre. São Paulo: Loyola, 1988.
- TEIXEIRA, Pery (org). **Sateré-Mawé: retrato de um povo indígena**. Manaus: UNICEF/UNFPA, 2005.
- TORRES, Iraíldes Caldas. **A experiência estética da poiesis feminina Sateré-Mawé, a outra face do canto de gênero**. Paper monográfico de pós-doutoramento apresentado ao Centre de Recherche et d'Étude Anthropologiques - CREA da Université Lumière de Lyon 2, France, 2015 (mimeo).
- UGGÈ, Enrique. **Mitologia Sateré-Mawé**. Ecuador: Abya-Yala, 1991.
- _____. **As bonitas histórias Sateré-Mawé**. Secretaria de Educação do Estado do Amazonas, Manaus: 1997.
- YAMÃ, Yaguarê. **Sehaypóri: o livro sagrado do povo Sateré-Mawé**. São Paulo: Peirópolis, 2007.

Imagem:

Família da aldeia Campo do Miriti, rio Miriti, TI Andirá-Marau.

Foto: Sônia Lorenz, década de 1980.

RESUMO:

*O presente estudo tem como objetivo apresentar o povo Sateré-Mawé pelas vias do caminho científico num diálogo constante com o campo de pesquisa, deixando nossos ouvidos à vontade para ouvir suas vozes como propõe Bourdieu em seu livro intitulado *AMiséria do Mundo*. Ouvimos mulheres e homens na perspectiva da dialógica Moriniana. São tessituras possíveis onde cada olhar se volta para um aspecto específico da vida desse povo que em meio às suas lutas estão sempre prontos a nos convidar a beber o sakpó da vida juntos com eles e por tempos imemoriais fazer a grande viagem que nos pelas entranhas de um tempo indistinto e novo que só o coração além da razão possui a chave de abertura. Por este cenário de águas navegáveis, por vezes bravias entre chuvas e dias ensolarados, que construímos a partir de multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, nossos objetos de pesquisa que podem parecer simultaneamente estranhas, irregulares e por vezes implícitas.*

Palavras-Chave: Sateré-Mawé, Ciência, Amazônia